

COP 21

ESPIRITUALIDADE E ECOLOGIA

1. Partindo da prática e da palavra de Jesus de Nazaré:

Uma mulher cananeia, natural dali, veio a ele, gritando: "Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim! Minha filha está endemoninhada e está sofrendo muito".

23 Mas Jesus não lhe respondeu palavra. Então seus discípulos se aproximaram dele e pediram: "Manda-a embora, pois vem gritando atrás de nós".

24 Ele respondeu: "Eu fui enviado apenas às ovelhas perdidas de Israel".

25 A mulher veio, adorou-o de joelhos e disse: "Senhor, ajuda-me!"

26 Ele respondeu: "Não é certo tirar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos".

27 Disse ela, porém: "Sim, Senhor, mas até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos".

28 Jesus respondeu: "Mulher, grande é a sua fé! Seja conforme você deseja". E naquele mesmo instante a sua filha foi curada.

2. O que esta prática tem a ver com nosso tema? Em primeiro lugar, ter presente que pode ser que nossa fé, sendo do Povo de Israel, pode ser menor do que a de uma estrangeira, considerada sem valor para os Judeus... Em segundo lugar, pode acontecer que, como os/as discípulos, tentemos mandar calar os que não são da nossa igreja, por serem estranhos, diferentes, maltrapilhos... Em terceiro lugar, a revelação de Jesus de que a fé já existia naquela mulher, mesmo sem ser batizada ou convertida, apenas presente em seu ato de confiar nele e pedir, gritando, tal a necessidade que sentia...

3. Pelo lado de Jesus, não se sabe se a provocou para ver qual era a sua fé, ou se de fato manifestou que também ele estava marcado pela fé estreita, exclusiva ou prioritária em relação ao Povo Eleito, os filhos de Israel... O que se percebe imediatamente é que ele, diante da resposta desafiadora da mulher, logo reconheceu a "grande fé" dela, e, por isso, o atendimento ao seu pedido...

4. Quero dizer que a nossa vivência da fé cristã, nosso seguimento a Jesus de Nazaré, pode estar, ou certamente está marcado por muitas convicções culturais, filosóficas e até teológicas, que nos fecham aos gritos dos diferentes que desejam aproximar-se de nós... Quanto mais estamos em altas posições hierárquicas, ou próximas delas, tanto mais existem portas, secretarias,

burocracias... que nos defendem, e até impedem que os gritos cheguem até nós... Por isso o Papa Francisco insiste em indicar que o lugar da Igreja de Jesus é estar em trânsito, indo na direção das periferias...

5. Mesmo quando chegam até nós estas pessoas ou povos, contudo, surgem as barreiras mais profundas: esse estranho, talvez membro de um povo indígena, não é ateu, ou idólatra, ou animista, ou politeísta...? Y com isso, perdemos a oportunidade de que ele, ou eles, ao reagir aos nossos preconceitos, nos **mostrem a sua fé** – que pode não ser católica, ou cristã, mas é a que está em seus corações... É a que Deus, que não discrimina e não se deixa exclusivizar, fez nascer em seus corações...

5. Em relação a uma espiritualidade que incorpore e alimente uma ecologia profunda, que contempla todas as relações entre todos os seres que tornam possível a vida em todas as suas formas, incluída a humana, precisamos acolher a fé dos povos originários, indígenas, negros, a fé das mulheres, das crianças... É que eles e elas não se relacionam com tudo que compõe a vida a partir de visões dicotômicas entre alma e corpo, espírito e matéria, natural e sobrenatural, entre o ser humano e natureza – especialmente entre o ser humano masculino e as coisas, os produtos, as mercadorias, a riqueza, o poder...

6. Estes são os desafios: como romper com o antropocentrismo e o androcentrismo? Como romper com a visão que centra o valor do ser humano na razão instrumental, no desenvolvimento da capacidade e no “direito” de apropriar-se de parte ou até de toda a natureza para dominá-la, submetê-la e transformá-la e tudo que corresponde aos nossos desejos de riqueza e de poder? Como mudar, converter-nos, assumindo-nos como parte da Criação, parte da Terra?... Como curtir que Jesus assumiu o pão e o vinho como sinais de sua presença porque o pão e o vinho são, desde sempre, criação, sinal, bênção de Deus?

7. É aqui que a prática de Jesus nos indica a quem devemos ouvir, em quem devemos admirar a presença de Deus, acolhendo sua fé e unindo-nos a eles para alcançar o que necessitam... **Deveremos** ser capazes de, como Jesus, dizer: **“grande é a tua fé, povo Guarani... Munduruku... Kichua...”** De fato, estes e tantos outros povos não foram, ou o foram muito menos do que nós, marcados pela filosofia e antropologia que serviram de referência e justificativa para a moderna prática capitalista, centrada na iniciativa econômica, na apropriação privada de terra e conhecimentos e tecnologias, na exploração e apropriação dos frutos do trabalho, na exploração dos recursos da natureza, na concentração privada da riqueza... E tudo num processo de expansão constante, sem fim, sem dó nem piedade, de nada e de ninguém. O que impera é o princípio do lucro

constante, o crescimento econômico, o consumismo, a especulação. Vale tudo, numa vivência do egoísmo e da indiferença como virtudes...

8. Para os povos do Bem Viver, a Terra é Pachamama, Mãe da vida, nossa mãe. E nós somos nascido dela e dela precisamos para viver... O grande convite é este: viver e conviver com relações harmoniosas com a Terra, o que exige relações de cooperação entre nós: pessoas, comunidades, povos, humanidade... E viver nossas relações com Deus nestas relações de cooperação entre nós e nas relações harmoniosas com a Terra...

9. Tudo está interrelacionado, e Deus mesmo se fez um de nós para revelar que está presente em todas estas relações...

Ivo Poletto, em Paris, França, em 8 de dezembro de 2015